

Uma organização ao serviço das potências mais poderosas?

Aos 62 anos, a ONU tem de ser profundamente reformada



O maior fracasso das Nações Unidas é não ter conseguido «parar, praticamente, nenhuma guerra». «A falta de interesse» dos EUA numa estrutura de gestão multilateral dos conflitos e uma crise crónica de sub-financiamento são algumas das razões para os falhanços da ONU, que deve encontrar novos caminhos e um forte impulso

MARISA FERNANDES

A Organização das Nações Unidas (ONU) celebra, amanhã, mais um ano de existência. Fundada, oficialmente, a 24 de Outubro de 1945 em São Francisco Califórnia, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, tinha como objectivo manter a paz e a cooperação entre as nações. Mas que balanço é possível fazer passados 62 anos?

Os soldados da paz, conhecidos por «capacetes azuis», são enviados pelo Conselho de Segurança, a fim de ajudar a aplicar os acordos de paz, vigiar o cessar-fogo, patrulhar zonas desmilitarizadas, criar zonas-tampão entre as forças adversárias, e suspender os combates, enquanto os negociadores procuram encontrar soluções pacíficas para os diferendos. Em última análise, o êxito da manutenção da paz depende do consentimento e da cooperação das partes em conflito. Terão sido alcançados todos estes objectivos oficiais? Ou ganham os eventuais interesses secundários das grandes superpotências?

«CS precisa de ser adaptado aos tempos de hoje»

«Num mundo onde a globalização económica avança imparavelmente, a ONU faz mais sentido do que nunca sob pena de não haver enquadramento político ao poder económico, pondo em causa a própria democracia», entende **Francisco Sarsfield Cabral**.

O director de informação da Rádio Renascença verifica que a ONU «oferece» um terreno permanente para encontro e diálogo entre dezenas de Países, «o que ajuda a dissipar tensões e a evitar conflitos». No entanto, considera que a ONU «tem de ser profundamente reformada».

Ao examinar algumas falhas no funcionamento desta organização recorda que a guerra-fria «paralisou o Conselho de Segurança da ONU». E quando terminou este conflito «a oportunidade para dar força à ONU perdeu-se, com a deriva dos Estados Unidos para uma

política unilateral e adversa ao direito e às organizações internacionais».

Perante estas situações entende que o Conselho de Segurança, «precisa de ser adaptado aos tempos de hoje (ele reflecte o equilíbrio de poderes entre os vencedores da II Guerra Mundial)». Além disso, também acha importante que os membros da ONU «a dotassem de meios (militares, nomeadamente) para intervenções de manutenção da paz».

No entanto, para que isso se torne possível, **Sarsfield Cabral** acha essencial que os EUA, «a única superpotência, se empenhe a sério em reformar a ONU e não em destruí-la». Explica que grande parte da irritação americana contra a organização «tem a ver com o peso dos países pobres, que são numerosos, na Assembleia-geral».

Em relação, ao actual secretário-geral das Nações Unidas diz que ainda é cedo para uma avaliação. «A minha impressão, no entanto, é que Kofi Annan era mais forte e mais decidido a reformar a ONU do que Ban Ki-moon, que tem o perfil de um burocrata».

«A ONU segue o caminho que os Estados traçarem»

Na mesma linha de pensamento, o general **Loureiro dos Santos** entende também que a ONU faz sempre sentido, mesmo com a actual estrutura, porque «tem ajudado a desempenhar tarefas no mundo, especialmente de natureza

humanitária que são muito importantes e que mais ninguém desempenharia se aquela instituição não existisse».

Confere, no entanto, que esta organização não tem condições para resolver os problemas da paz e da guerra no mundo, pois a «estrutura do seu Conselho de Segurança não reflecte neste momento a realidade internacional».

Deste modo, analisa que o maior fracasso da ONU é o facto de não ter conseguido «parar, praticamente, nenhuma guerra». Para que isso acontecesse, «era preciso que estivessem de acordo, não só os membros permanentes do Conselho de Segurança, mas também as grandes potências mundiais que têm a capacidade de influência nos conflitos, o caso da Índia e do Japão».

Para o general, esta seria a reforma que faria com que a organização pudesse desempenhar mais facilmente o seu papel. «Porque em qualquer situação que os membros quisessem actuar à revelia daquilo que o “Governo Mundial” decidisse, teriam muito mais dificuldade de o fazer».

Adverte que a ONU segue o caminho que os Estados traçarem, «pois as suas reformas dependem dos Estados». «Foi o que aconteceu com a tentativa de reforma do Conselho de Segurança promovida pelo Kofi Annan que não avançou porque os Países-membros do Conselho de Segurança não deixaram», exemplifica.

Face ao mandato de **Ban Ki-moon**, o especialista em assuntos internacionais visualiza que o actual secretário-geral é muito «mais discreto e passa muito mais despercebido» do que **Kofi Annan**. «Mas, isso não significa que não consiga até mais resultados».

«Há uma crise crónica de sub-financiamento que impede a credibilidade da ONU»

Também **Viriato Soromenho Marques**, professor Catedrático na

Universidade de Lisboa, entende que a ONU faz todo o sentido, apesar das suas insuficiências.

«A humanidade enfrenta os maiores desafios da sua história, como é o caso da crise ambiental e das alterações climáticas, que são a sua face visível. Se quisermos evitar ou o colapso ambiental, ou uma guerra nuclear com potencial de generalização temos de encontrar dispositivos de governação mundial. E, até hoje, ninguém inventou melhor do que a ONU», explica.

Todavia, confere um desinvestimento das grandes potências, em particular dos EUA, nas Nações Unidas. «Hoje, a ONU é um local onde os “Grandes” mais do que procurarem agir concertadamente, procuram vigiar-se e neutralizar-se. Há uma burocracia que em muitas agências se cristalizou e começou a viver para si própria».

Certifica-se que «há uma crise crónica de sub-financiamento que impede, por exemplo, a credibilidade da organização em situações dramáticas como o Darfur».

O professor Catedrático considera que os países como a Índia e o Brasil «deveriam ser objecto de um “upgrading”». Além disso, alerta para as grandes questões da crise global do ambiente, da energia, das alterações climáticas que «necessitam urgentemente de novos dispositivos organizativos que estejam à altura da gravidade global das ameaças que representam».

Viriato Soromenho Marques sublinha ainda que a ONU necessita do «impulso do que podemos designar como o Directório (os países mais poderosos do mundo)». E apercebe-se que um dos problemas da ONU, hoje, não reside na manipulação da organização pelos EUA, mas na «falta de interesse e investimento desse País numa estrutura permanente de gestão multilateral dos conflitos».

Deixa, por fim, a lembrança: «É preciso recordar que alguns dos

membros da Administração Bush chegaram a propor, em 2003, quando o Conselho de Segurança se recusou a subscrever a invasão americana do Iraque, a extinção da ONU».

«As potências dominantes querem domesticar a ONU»

Domingos Lopes, vice-presidente do Conselho Português para a Paz e Cooperação partilha da mesma opinião, no que diz respeito à continuação da existência da ONU. «Diria de modo categórico – nunca fez tanta falta. Ela é a representação internacional mais fidedigna dos povos e dos Estados do mundo».

Além disso, «representa a complexidade e a diversidade que a comunidade internacional encerra. Nela cabem todos os Estados e os seus inerentes problemas».

No entanto, verifica que as potências dominantes, «a começar pelos EUA, querem instaurar outra ordem e para esse efeito visam domesticar a ONU, e torná-la numa organização ao seu serviço».

Porém, questiona-se em relação às falhas das Nações Unidas: «são da ONU ou dos Estados que têm o poder de decidir?».

Ao acreditar que se pode aprimorar o funcionamento da estrutura diz: «tem melhorar, mas o problema de fundo é este: a ONU deve ser uma organização que represente toda a riqueza inerente aos povos e Estados do mundo ou uma organização ao serviço das potências mais poderosas?». Neste contexto compreende que seria «superfluo falar de falhas».

Mas por outro lado, refere que não lhe parece que EUA comandem a ONU, já que «não conseguiram domesticar o Conselho de Segurança quando pretendiam que aquele órgão legitimasse invasão do Iraque».

Domingos Lopes admite mesmo assim que há sérios perigos do poder desmedido que os EUA têm na ONU e da entrada da NATO como braço da organização. «Ora a NATO é o braço armado das principais potências capitalistas e o desequilíbrio do mundo está sobretudo no sul».

Em última análise, verifica que é decisivo para o equilíbrio das diversas potências emergentes «saber se entra para o Conselho de Segurança o Brasil, a África do Sul, a Índia, ou apenas o Japão e a Alemanha». Conclui que «é necessário atribuir mais peso à Assembleia-geral, a única instância onde estão representadas todos os Países e Estados do mundo».



Sarsfield Cabral, Loureiro dos Santos, Viriato Soromenho Marques e Domingos Lopes analisam os 62 anos de existência da ONU